



O ESPÍRITO SANTO NA LITURGIA

The Holy Spirit in the liturgy

Ezequiel Hanke¹

Resumo:

O presente artigo tem por finalidade apresentar a correlação entre a liturgia do culto cristão e a ação do Espírito Santo, de modo a evidenciar o seu aspecto pneumatológico. A celebração litúrgica é a manifestação do diálogo entre Deus com seu povo, e, por sua vez, o Espírito Santo é quem conduz esse diálogo. O Espírito age por meio da história e da liturgia, e está presente como um "fermento" que move as pessoas para a ação, e, por consequência, inspira para o esboço de novas perspectivas em termos de culto e celebração do mistério pascal. Assim sendo, queremos pautar o Espírito que por meio da liturgia mantém as pessoas na fé, e as torna colaboradoras na missão de Deus.

Palavras-chave:

Espírito Santo. Liturgia. Culto Cristão.

Abstract:

The present article has the goal of presenting the correlation between the liturgy of the Christian church service and the action of the Holy Spirit, as a way of evidencing the pneumatological aspect of the liturgy in the Christian service. The liturgical celebration is the manifestation of the dialogue between God and his people, and, in its turn, it is the Holy Spirit who conducts this dialogue. The Spirit acts through history and liturgy, and is present as "yeast" that moves people to action, and, as a consequence, inspires for outlining new perspectives in terms of service and celebration of the paschal mystery. Therefore, we wish to focus on the Spirit, which, through liturgy, maintains people in the faith and makes them collaborators in God's mission.

Keywords:

Holy Spirit. Liturgy. Christian Worship.

¹ Ezequiel Hanke é mestrando em teologia pelo PPG da Faculdades EST, São Leopoldo/RS. (Bolsista CNPq). Contato: ezehanke@yahoo.com.br

Introdução

*“O amor de Deus foi derramado
em nossos corações
pelo Espírito Santo, que nos foi dado”.*

Romanos 5.5

Na presente abordagem queremos abordar a relação entre o Espírito Santo de Deus e a sua ação por meio da liturgia celebrada pela comunidade cristã, especialmente com olhar para a tradição luterana.² Devemos então, num primeiro momento, esclarecer o sentido dos termos “liturgia” e “Espírito Santo”, de forma a nos possibilitar, se possível, a reflexão sobre a ação do Espírito Santo por meio dos elementos litúrgicos, sendo estes, instrumentos que dão forma ao culto cristão.

Sabemos que a liturgia é uma realidade muito rica, dinâmica e que pode ser analisada de diversas formas, permitindo também enfoques diversificados.

A liturgia é um ato com uma forma. É mais do que um texto. É o fluxo de uma ação comunitária que expressa seus significados com gestos e signos concretos, e também com palavras. Efetivamente, os significados da liturgia são expressados por meio da justaposição contínua de palavras e gestos simbólicos.³

O “conjunto de elementos e formas (espaços, lugares, tempos, objetos, funções, gestos, fórmulas, histórias, instruções, olhares, símbolos e significados) através dos quais se realiza [o] encontro [...] da comunidade com Deus”⁴, expressa tudo aquilo que nos é possível aos olhos da fé, ou seja, é a celebração do mistério de Cristo.⁵ Ao estudarmos, por exemplo, uma teologia litúrgica, iremos nos ocupar com esse mistério na sua totalidade, considerando diversos aspectos, formas e dimensões.

Não é nossa intenção neste artigo esgotar essa correlação, no entanto, queremos apontar para uma dimensão, a saber, pouco explorada, que é o aspecto pneumatológico da liturgia. Se nos ativermos ao testemunho bíblico, veremos uma forma pela qual nasce a igreja e a liturgia. Em Atos dos Apóstolos, o Senhor envia do Pai o Espírito Santo que faz nascer a igreja e sua atividade central: a liturgia. Assim sendo, nos é bastante significativa a palavra de At 2.1 “estavam todos reunidos no mesmo lugar” quando desce o Espírito prometido.

Será então que não poderíamos afirmar que a pregação de Pedro, após a descida do Espírito é certa “liturgia da palavra” que introduz a “liturgia do sacramento do batismo” das três mil pessoas (At 2.41) no dia de pentecostes? (Cf. At. 10.34-48). É dessa forma que igreja e liturgia nascem juntas, para a qual os apóstolos exercem sua missão, por meio da ação do Espírito.

² Cf. liturgia oficial da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB.

³ LATHROP, apud PANOTTO, Nicolás. Liturgia e Teologia da Libertação. In: CARVALHAES, Cláudio; ADAM, Júlio César. (Orgs.). *Teologia do culto: entre o altar e o mundo: estudos multidisciplinares em homenagem a Jaci C. Maraschin*. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2012. p. 76.

⁴ KIRST, Nelson. *A liturgia toda: parte por parte*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Série Colméia [sic], 1). p. 11.

⁵ PAPA PAULO VI. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 02 dez. 2014.

Nesse contexto queremos apontar para o Espírito Santo que age, desce sobre a água no batismo, bem como, sobre o pão e o fruto da videira, elementos apresentados na Eucaristia, e, que, por sua vez, (re)cria comunhão entre irmãos e irmãs na fé. Destarte, podemos nos arriscar a afirmar que o Espírito é a alma da igreja que se manifesta, não só, mas também, e especialmente por meio da liturgia, propiciando o encontro de Deus com a comunidade. Vejamos a seguir alguns aspectos históricos, e como se dá essa conexão na prática litúrgica.

O Espírito Santo na liturgia ao longo da história

Estamos cientes também, de que falar de liturgia não significa, ao menos num primeiro momento, discorrer sobre algo novo, muito antes, significa, sempre um movimento de retorno às origens, considerando os mais de dois mil anos de liturgia cristã celebrada e vivenciada pela igreja. Todas as comunidades ao longo da história da igreja fizeram liturgia, encontrando-se a caminho,⁶ de modo que o fazer litúrgico é algo em constante construção. Importante é lembrar, isso sim, que até a Reforma luterana, têm-se mil e quinhentos anos de história litúrgica em comum com a Igreja Católica Romana (ICAR). Nesse sentido, não deveria nos causar surpresa o fato de em parte termos conservado a missa, ao analisarmos a liturgia luterana. Esta não é um conjunto de elementos que surgiu a parte, mas “[...] é simplesmente a liturgia ocidental-católica pré-tridentina histórica – na origem, muito diversificada -, tal como se desenvolveu em [diversos] contextos...”⁷.

Nesse movimento histórico queremos apontar para a presença e ação do Espírito Santo, com olhar para alguns pontos dentro da escala da história da liturgia, de forma a nos localizarmos melhor dentro dela.

Ao falarmos das nossas origens, jamais podemos esquecer que Jesus e seus seguidores eram judeus, o que fez com que as primeiras comunidades cristãs continuassem durante muito tempo a frequentar a sinagoga. De tal modo, temos significativas influências do culto judaico no culto cristão. Uma vez isto, alguns escritos nos permitem pontuar sobre os primórdios das comunidades cristãs, conforme Kirst⁸:

- Pentecostes - Atos 2; e 1Co 11.17-34;
- Didaqué - surgiu por volta de 110 ou 120 d.C. e contém ensinamentos sobre o rito do Batismo e da Eucaristia;
- Justino Mártir escreveu duas “Apologias” e teve importante atuação enquanto teólogo em Roma;
- Hipólito, bispo de Roma e escreveu a “Tradição Apostólica”;
- Jerusalém, Antioquia, Alexandria, Constantinopla e Roma – cidades sedes dos cinco grandes patriarcados, sendo conhecidos como polos de tradição litúrgica.

Mais especificamente em Atos 2.42-47, o evangelista Lucas procura descrever a comunidade cristã, mencionando mais de uma vez as palavras “partir do pão”, o que é logo após, denominado de Ceia do Senhor, ou seja, ação de graças.

⁶ KIRST, Nelson. Liturgia. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; [et al]. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: ASTE, 1998. p. 119-140, à 124.

⁷ SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph [et al]. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2011-. v. 1 p. 221.

⁸ KIRST, Nelson. *Nossa liturgia: das origens até hoje*. 2. ed., ver. atual. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003. p. 20-21.

Pouco tempo depois, a Ceia do Senhor é moldada junto à Liturgia da Palavra, o que é documentado, segundo Kirst, pela primeira vez em Justino,⁹ sendo esta estrutura quase tão antiga quanto o Novo Testamento, e, por isso, conhecida como o cerne mais antigo em termos de liturgia do culto cristão.

Por isso também, ainda hoje entendemos que um culto nunca deveria ser celebrado pela comunidade sem as estruturas elementares, como a Eucaristia e a interpretação da Palavra (pregação). Este é o movimento de retorno que procura-se fazer atualmente na prática litúrgica, pois, enquanto igreja da Reforma somos herdeiros desse esquema principal - da Liturgia da Palavra e da Eucaristia, como formas imprescindíveis para a celebração da autodoação de Deus em graça, perdão e salvação.¹⁰

Entretanto, havia por volta do século XIV e XV “o pedido de uma *reformatio Ecclesiae in capite et in membris*”¹¹, [reforma da Igreja na cabeça e nos membros] para a qual atentava Lutero, mesmo que não tenha escrito uma nova liturgia, ignorando totalmente a tradição litúrgica. Nos seus escritos o reformador pretende apenas mostrar como é possível officiar/celebrar a missa de forma evangélica. Mesmo assim, conforme aponta Lathrop, Lutero manteve a estrutura litúrgica¹² na forma conservadora.¹³

O Espírito Santo na liturgia hoje

Após pontuarmos de forma muito objetiva na primeira parte para a liturgia ao longo da história, queremos agora apontar para a presença e ação do Espírito Santo por meio de elementos da liturgia. Analisaremos seu aspecto pneumatológico, considerando que: (a) toda obra salvífica é realizada pelo Espírito Santo, celebrada na liturgia; (b) a celebração litúrgica faz memória e torna o Cristo presente;¹⁴ (c) na “Palavra do Senhor” pregamos o Deus que se torna presente na vida humana e salva, ou seja, o Espírito Santo torna a Palavra encarnada na Escritura, que somente se torna salvadora como viva voz àquela pessoa que ouve e crê. Assim, a Escritura pode transformar-se em uma alocação de Deus a nós humanos;¹⁵ e, por fim, (d) o Espírito Santo age por meios externos, a saber, a Palavra e os Sacramentos.

Observemos na sequência alguns aspectos do culto, a ponto de verificar como se dá esse efeito nas expressões e práticas litúrgicas da Igreja. Conforme já mencionamos acima, nosso interesse não é apresentar a conexão de forma detalhada, pois, para enumerar todos os

⁹ KIRST, 2003, p. 20-21.

¹⁰ SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 221ss.

¹¹ LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p.23. Também cf. NEUNHEUSER, Burkhard. *História da liturgia através das épocas culturais*. Trad. José Raimundo de Melo. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 174.

¹² Em dezembro de 1523 Lutero introduziu a *Formula Missae* eliminando os aspectos sacrificiais da missa. Só em fins de 1524 preocupou-se em elaborar uma liturgia da missa na língua alemã. Percebe-se que o critério para o reformador é teológico sendo que queria mais do que uma “imitação barata” como mesmo afirmava. Cf. LUTERO, Martim. *Missa Alemã e Ordem do Culto*. In: _____, *Obras selecionadas: Vida em comunidade: Comunidade – Ministério – Culto – Sacramentos – Visitação – Catecismos – Hinos*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 7. p. 173-205.

¹³ LATHROP, Gordon W. Culto no contexto luterano. In: SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 223s.

¹⁴ [No tempo pós-pascal o paráclito aparece como o Christus praesens, como a presença de Jesus Cristo.] Cf. SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André, SP: Academia Cristã, São Paulo, SP Paulus, 2010. p. 925-926.

¹⁵ BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985. p. 10.

elementos do culto nos estenderíamos por demais, sendo que, entendemos toda liturgia como um verdadeiro pentecostes, e o Espírito Santo age “onde e quando lhe aprouver”¹⁶. Para uma melhor visualização, apreciaremos as quatro partes da liturgia do culto cristão:

a) Liturgia de Abertura

De início, nas celebrações litúrgicas invocamos a presença do Triúno Deus: “Estamos aqui em nome e na presença do Deus Triúno que é Pai, Filho e Espírito Santo. Amém!”. Ou seja, na acolhida exprimimos enquanto comunidade reunida nossa fé na presença e ação de Deus que é Triúno, e nessa perspectiva entregamos nossa vida ao Deus que vem e nos serve no culto. Esta saudação trinitária caracteriza o culto enquanto tal, e lembra a comunidade do Deus que vem ao seu encontro.

b) Liturgia da Palavra e Eucaristia

Bem sabemos que estamos aqui tratando de aspectos centrais do culto. Palavra e Eucaristia são elementos essenciais e indispensáveis para o culto cristão.¹⁷ Sem estes elementos o culto não seria um encontro onde acontece a autodoação de Deus para o seu povo, ou melhor, nem seria um culto cristão. Mesmo assim, a Palavra de Deus transcende o ato da pregação, aparecendo de diversas formas no todo da liturgia. Peter Brunner numera esses momentos acerca do que significa “palavra” na liturgia:

[...] a leitura da Escritura, a pregação, a absolvição, a saudação, a salmodia da Igreja e das formas de proclamação indireta da Palavra, que são os hinos, as confissões de fé, as aclamações doxológicas e certas orações específicas, como as coletas.¹⁸

Desse modo, todo ato cristão tem por base a palavra de Deus. Também na Confissão de Augsburg (CA) veremos de forma clara e objetiva o que se quer com a “pregação da palavra”:

Para que alcançássemos tal fé, Deus instituiu o ministério da pregação, deu-nos o evangelho e os sacramentos, meios pelos quais Ele nos dá o Espírito Santo. Este seu Espírito faz nascer a fé naqueles que ouvem o evangelho, e isto onde e quando lhe aprouver. Tal evangelho ensina que, crendo isto, temos um Deus gracioso – não por nosso merecimento, mas pelo merecimento de Cristo. Condenamos os anabatistas e os demais que ensinam que podemos alcançar o Espírito Santo sem a palavra externa do evangelho, por nossos próprios pensamentos, preparativos e obras.¹⁹

¹⁶ CONFISSÃO DE AUGSBURGO (CA V). In: *Livro de Concórdia: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 6. ed. Porto Alegre: Concórdia, São Leopoldo: Sinodal, Canoas: Editora da Ulbra, 2006. p. 25-93, à p. 30-31.

¹⁷ “Os reformadores exigiram a pura pregação do evangelho, a verdadeira doutrina da fé e formas de culto que fossem realizadas pela palavra (Cristo) na palavra (Escrituras); e procuraram restaurar essas formas de culto. Consequentemente, a “Palavra” tornou-se a categoria dominante; colocou-se a ênfase na proclamação oral do evangelho e no ensino fiel à Escritura. Quanto aos “sacramentos”, Lutero chamou o batismo de “palavra de Deus na água” e vinculou a ceia do Senhor ao desdobramento das *verba sacramenti*; Calvino retomou especialmente também a ideia agostiniana que via os sinais instituídos pelo Senhor como *verba visibilia*”. Cf. SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 119.

¹⁸ BRUNNER, Peter apud ALLMEN, J. J. von. *O culto cristão: teologia e prática*. 2 ed. São Paulo: Aste, 2006. p. 128-129.

¹⁹ CONFISSÃO DE AUGSBURGO (CA V). In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 95-93, à p. 30-31.

Observemos que o artigo quinto da Confissão de Augsburgo nos aponta para o centro do culto, que é a proclamação da palavra e a comunhão por meio da celebração da Eucaristia. É dessa forma que o Espírito torna Cristo presente²⁰ e torna a Igreja viva e atuante com a sua liturgia.

Nesse sentido, o próprio Lutero ensinava a vinculação do Espírito à Palavra, não admitindo que o Espírito viesse diretamente ao ser humano, de forma como os entusiastas procuravam defender e ensinar. Por detrás dessa defesa de Lutero, da conexão do Espírito à Palavra, encontra-se o Cristo. Todavia, Kurt Dietrich Schmidt aponta: “É somente no relacionamento historicamente concreto com os fatos salvíficos do passado, que se abre ao ser humano o caminho para Deus. Esse relacionamento com o Cristo da história é concedido exclusivamente pela Escritura”²¹. Ou seja, aqui temos a ênfase clara na centralidade da palavra, por meio da qual age o Espírito que leva o ser humano a Cristo.

É, pois, na proclamação da palavra e na administração dos sacramentos que o Espírito desperta a fé do crente, concede ânimo novo, e alegria em Cristo, que perdoa todos os pecados. Enfim, com a palavra e os sacramentos, o Espírito de Deus reúne a Igreja!²²

É por meio dessas formas litúrgicas que o Espírito Santo nos dá condições para a nossa resposta de ação de graças, de perdão e comunhão junto de irmãos e irmãs, enfim, a forma litúrgica expressa um gesto de hospitalidade.²³ Pois é também no culto que confessamos a uma só voz “[...] Creio no Espírito Santo, na santa Igreja cristã, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição do corpo e na vida eterna. Amém”²⁴

É, portanto, na celebração da Eucaristia que dirigimos a oração eucarística a Deus, de forma que “[...] pela ação do Espírito Santo sobre o pão e o vinho e a comunidade celebrante, os fiéis se refrigeram em e com Cristo, antecipando o baquete do reino definitivo do Pai.”²⁵

c) Liturgia de Despedida

Na liturgia da despedida recebemos a bênção e o envio a fim de que saíamos anunciando e vivenciando o mistério pascal. Cristãos e cristãs tem a função de ser luz, isto é, viver profundamente os sacramentos e transformá-los em bênção para outras pessoas. A liturgia é, pois, um acontecimento pelo qual a Palavra se torna eficaz, viva e atuante na força do Espírito, já que, na liturgia Deus fala ao seu povo. Isto significa que em pleno século XXI Cristo ainda comunica, e a liturgia faz parte de um todo, fala e envolve a integralidade da vida cristã.

Diante do abordado até aqui, precisamos nos convencer ainda mais do valor da liturgia. Ela contribui para que crentes possam experimentar o mistério cristão e a igreja invisível. Dessa afirmação deriva a importância da liturgia para a igreja cristã mantida e renovada pela ação do Santo Espírito. A liturgia não é condição, mas propicia o agir do Espírito para o ato de despertar a liberdade humana. Nesse sentido, Comblin afirma “a liturgia elabora e humaniza os sacramentos ao fazer deles o encontro ou o sinal visível do encontro entre o Espírito e a liberdade humana”²⁶.

²⁰ SCHMIDT, Kurt Dietrich. *A presença de Deus na história*. São Leopoldo: Sinodal, 1982. p. 92.

²¹ SCHMIDT, 1982, p. 89.

²² SCHMIDT, 1982, p. 90.

²³ Cf. CARVALHAES, Cláudio. Liturgia e Hospitalidade. In: CARVALHAES; ADAM (Org.), 2012, p. 91-118.

²⁴ 3º artigo do Credo Apostólico cf. LUTERO, Martim. Catecismo menor. In: *Livro de Concórdia*, 2006, p. 361-384, à p. 371-372.

²⁵ SCHMIDT-LAUBER, 2011, p. 110.

²⁶ COMBLIN, José. *O Espírito Santo no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009. p. 119.

É verdade que às vezes, por ser bastante institucionalizada a liturgia permanece por muito tempo sem mudanças, tornando-se inteligível e sem sentido para as novas gerações – causando antes, a impressão de que o Espírito não sopra para uma mutabilidade litúrgica, e, por conseguinte, para cultos mais atrativos e vivos. Por outro lado, temos também a responsabilidade de zelar para que não aconteça uma degeneração litúrgica e aí se mostra também o panorama paradoxal da liturgia cristã. No entanto, é preciso afirmar que nenhuma estrutura se pode absolutizar, já que, não estamos nos referindo a uma conveniência momentânea. A liturgia é algo tão completo e se refere a integralidade da vida, que é impossível analisá-la apenas a partir do tempo e lugar onde nos encontramos.

Mesmo assim, é possível, e essa é a nossa tarefa, procurar sempre por novos esboços litúrgicos e novas perspectivas – a liturgia precisa expressar os muitos “pontos de luz” e levar a experiências de perdão de liberdade, de hospitalidade, de justiça social e dignidade humana, e sobretudo, a uma vivência diária/significativa da justificação por graça mediante a fé. Também a liturgia precisa nos lembrar da escuridão e das mazelas humanas que estão expostas a nossos olhos, sendo as desigualdades, injustiças, fundamentalismos, opressão, motivos que causam morte e condenação. A liturgia precisa apontar para a intolerância que se dá de várias formas, seja na violência contra a mulher, contra a população indígena, contra os povos negros, enfim, contra as pessoas pobres e marginalizadas – as maiores vítimas do sistema que corrompe, explora e mata. Ou seja,

[...] a ação do Espírito não só *precede, acompanha e segue* a ação litúrgica, mas também vai recordando (cf. Jo 14, 15-17.25-26; 15,26), no coração de cada um, aquelas coisas que, quando da proclamação da Palavra de Deus, são lidas para toda a assembléia [sic] dos fiéis.²⁷

O que deve estar claro é que o Espírito não cria suas palavras, pois a palavra do Espírito é o Cristo da cruz – e a liturgia propicia a pronúncia dessa palavra – Jesus Cristo - para dentro de nossos dias e para as pessoas do nosso mundo, conforme aponta Comblin,

O Espírito Santo não cria palavras próprias: a sua palavra é Jesus Cristo. O Espírito Santo não faz outra coisa a não ser pronunciar essa palavra, Jesus Cristo, no tempo de hoje, para as pessoas de hoje. Pois tudo o que diz o Espírito são aspectos da mesma e única palavra que é Cristo. Ele é o grande apelo às pessoas, em vista do seu corpo, que é o povo de Deus.²⁸

O grande apelo da liturgia por nós celebrada em comunidade deve ser Cristo, pois somos seu corpo, vidas em comunhão. Somos gente solidária que celebra o agir de Deus convivendo e participando da grande festa da alegria. Por isso, cuidar da liturgia significa zelar pela Igreja, e pela vida que se dá no ceio dela, com toda a dinamicidade que ela se apresenta.

²⁷ OLM n. 9. *El don de la Pascua del Señor*. Pneumatología de la Cincuentena pascual del Missal Romano, Burgos, 1977, 364-369; 451-461, etc. In: LÓPEZ MARTIN, Julián. *No Espírito e na verdade: introdução teológica à liturgia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. v. 1. p. 246.

²⁸ COMBLIN, 2009. p. 81.

Conclusão

Na presente exposição nos ocupamos com o íntimo, com a beleza do culto conduzido pelo Espírito de Jesus Cristo, de forma a afirmar que o culto como um todo, é um verdadeiro pentecostes e expressa o todo da vida, a vida na sua complexidade e diversidade. O desafio da continuidade dessa reflexão é nos esforçarmos de forma a não “apagar” o Espírito do culto, caso contrário, estaríamos fadados ao fracasso.

Não por último, este trabalho também tem por objetivo nos chamar para a concretização do Espírito de Cristo – que não abre mão de nós. Que a nossa liturgia possa ser cuidada e sempre ser reflexo do amor de Deus revelado em Cristo. Ademais, podemos apenas orar: vem, Espírito de Cristo, revela-te na simplicidade e na beleza. Conforme afirma Boff, é “[...] pelo espírito [que] captamos o Todo, e no Todo encontramos Deus, o Grande Espírito.”²⁹ Nessa perspectiva se dá o convite para a colaboração da missão de Deus. Culto é, portanto, a celebração do mistério pascal – da autodoação de Deus.

Referências

ADAM, Júlio César. *Liturgia com os pés: estudo sobre a função social do culto cristão*. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST 2012.

ALLMEN, J. J. von. *O culto cristão: teologia e prática*. 2 ed. São Paulo: Aste, 2006.

BOFF, Leonardo. *A força da ternura*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008, 2006.

BRANDT, Hermann. *O Espírito Santo*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

CARVALHAES, Cláudio; ADAM, Júlio César. (Orgs.). *Teologia do culto: entre o altar e o mundo: estudos multidisciplinares em homenagem a Jaci C. Maraschin*. São Paulo, SP: Fonte Editorial, 2012.

COMBLIN. José. *O Espírito Santo no mundo*. São Paulo: Paulus, 2009.

CONFISSÃO DE AUGSBURGO (1530). In: *Livro de Concórdia: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 6. ed. Porto Alegre: Concórdia, São Leopoldo: Sinodal, Canoas: Editora da Ulbra, 2006.

KIRST, Nelson. *A liturgia toda: parte por parte*. São Leopoldo: Sinodal, 1996. (Série Colméia [sic], 1).

²⁹ BOFF, Leonardo. *A força da ternura*. Rio de Janeiro: Sextante, 2008, 2006. p. 23.

KIRST, Nelson. *Nossa liturgia: das origens até hoje*. 2. ed., ver. atual. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2003.

LINDBERG, Carter. *As reformas na Europa*. São Leopoldo: Sinodal, 2001.

LÓPEZ MARTIN, Julián. *No Espírito e na verdade: introdução teológica à liturgia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. v. 1.

LUTERO, Martim. Missa Alemã e Ordem do Culto. In: _____, *Obras selecionadas: Vida em comunidade: Comunidade – Ministério – Culto – Sacramentos – Visitação – Catecismos – Hinos*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 7.

_____. Catecismo Menor (1529). In: *Livro de Concórdia: as Confissões da Igreja Evangélica Luterana*. 6. ed. Porto Alegre: Concórdia, São Leopoldo: Sinodal, Canoas: Editora da Ulbra, 2006.

MARASCHIN, Jaci C. *Da leveza e da beleza: liturgia na pós-modernidade*. São Paulo, SP: ASTE, 2010.

NEUNHEUSER, Burkhard. *História da liturgia através das épocas culturais*. Trad. José Raimundo de Melo. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

PAPA PAULO VI. *Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 02 dez. 2014.

SCHMIDT, Kurt Dietrich. *A presença de Deus na história*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

SCHMIDT-LAUBER, Hans-Christoph [et al]. *Manual de ciência litúrgica: ciência litúrgica na teologia e prática da igreja*. São Leopoldo: Faculdades EST, Sinodal, 2011, v. 1

SCHNEIDER-HARPPRECHT, Christoph; [et al]. *Teologia prática no contexto da América Latina*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo, SP: ASTE, 1998.

SCHNELLE, Udo. *Teologia do Novo Testamento*. Santo André, SP: Academia Cristã, São Paulo, SP Paulus, 2010.

WHITE, James F. *Introdução ao culto cristão*. São Leopoldo: Sinodal, 1997.